



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Entre os Xetá (Tupi-guarani), mistura, lados políticos, tratores e autonomia: os Xetá na Terra Indígena São Jerônimo (Paraná, Brasil)

Autoria: Rafael Pacheco (PPGAS-USP)

Apresento um panorama dos Xetá (Tupi-guarani) em sua vida em reserva, na TI São Jerônimo, retomando detalhes relatados e debatidos, especialmente quanto aos modos atuais da vida, marcados pela mistura, lados políticos comunitários e por lutas que considero de reativar, ampliando-os a partir da conexão por R. Sztutman dos termos retomada das retomadas de terra protagonizadas por povos indígenas e reclaim da filósofa da ciência I. Stengers, traduzido por reativar, enfatizando seu sentido de invenção. De um lado, o jeito (modo de vida) dos antigos Xetá no findo tempo do mato alimenta imagens do futuro iminente dos atuais Xetá a viver na terra por demarcar, de outro: a vida de hoje, na reserva e na cidade, tende à transformação, condicionada à ação do povo/comunidade e dos seus líderes; as lutas para re-tomar a posse de uma terra, via processos administrativos e judiciais, re-unir os parentes, abarcando políticas demográficas, e re-vitalizar a cultura, destacando-se como objetos a memória e a língua, mediante pesquisas sistemáticas colaborativas e interculturais, implicam múltiplas retomadas de práticas e saberes, em mais um episódio de recomposição do mundo, do povo e da cultura após (uma) catástrofe, que aparece como constante histórica da história Xetá e teve o movimento descrito etnograficamente como a alternância entre potências de vida e morte com ênfase nas situações de quase extinção. De modo que a toponímia e categorias sociais correntes



nas relações de parentesco, interétnicas, comunitárias, na circunstância da mistura, encerram marcos temporais no idioma do parentesco e caracterizam a relação entre o povo e os não-indígenas sob o signo da violência, sugerem(-se) sua implicação com o evento do extermínio ? massacres, expulsão, remoções e deslocamentos forçados históricos, intimamente ligadas às trajetórias dos Xetá dele sobreviventes. A similaridade conjuntural das histórias instiga aproximações com os Avá-Guarani do Oeste do Paraná, os ãwa (Avá-Canoeiro do Araguaia) e os Pataxó da Bahia



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: